Propostas para o índio

1980
CARLOS ALBERTO LUPPI
Enviado Especial

OLLANTAYTAMBO, Peru — Os povos indígenas de todo o mundo, particularmente os da América Latina, começaram a discutir ontem à tarde aqui em Ollantaytambo (um povoado situado a quase três horas de Cusco, em pleno vale sagrado dos incas e nas proximidades do famoso templo do sol incaico) os principais temas do atual Congresso Latino-Americano dos Povos Indígenas e o 5.º Congresso Mundial dos Índios. Mas, desde ontem à tarde, quando foi instalada a primeira sessão plenária do encontro e foram criadas as várias comissões de trabalho, uma discussão básica começou a dividir os congressistas e observadores: uma grande maioria quer fazer com que os 350 milhões de índios existentes em todo o mundo tenham voz ativa perante o mundo ocidental, e para isso pretende lutar para que representantes do Conselho Mundial dos Povos Indígenas tenham participação ativa na organização das Nações Unidas, Organização dos Estados Americanos e demais foros internacionais que regulam as relações entre as nações no mundo moderno. Outros congressistas e antropólogos indígenas são mais radicais e preferem não ter qualquer ligação com o chamado mundo ocidental.

Os primeiros defendem a idéia de que a necessária união dos povos indígenas em todo o mundo não tem conotações racistas e por isso mesmo os povos indígenas devem ter participação nos foros internacionais criados pelos brancos, isto é, pelos ocidentais. Porque atualmente, há muitos grupos de povos brancos ocidentais que aceitam a civilização indígena como um todo e sua representatividade em cada país, o que significa uma posição aberta ao diálogo com os povos indígenas da parte do Ocidente. Estes consideraram que "aproveitar esta abertura para estender este diálogo é muito importante para que os povos indígenas possam se fazer ouvir constantemente e serem respeitados mundialmente em seus direitos e sua cultura, filosofia e ideologia próprias". Os mais radicais, embora façam questão de tirar qualquer consideração racista de seus conceitos, acham que "o mundo ocidental é diretamente responsável pelo massacre experimentado pelos povos indígenas em todo o mundo nos últimos seis séculos, e que por causa disso mesmo é necessário de forma prioritária a liquidação total de tudo aquilo que o ocidente significa como perigo iminente contra a vida". Esta última posição é defendida particularmente pelo movimento índio peruano, uma entidade com 16 anos de vida, e que hoje redne em torno de si pelo menos 12 milhões de índios peruanos, praticamente 80 por cento cento da população e força de trabalho do atual Peru.

Este movimento conta com ideólogos e filósofos de origem índia cujo pensamento, pela profundidade e pelo conhecimento que possui sobre as civilizações indígenas da chamada Pré-América, tem despertado profundo respeito de todas as delegações indígenas de outros continentes aqui presentes. Sua posição básica é colocada pelo seu principal filósofo, senhor Guillero Guillermo Carnero Hoke:

"O Ocidente, através primeiro da Espanha e em seguida Portugal, França, Inglaterra, e Holanda, subjugaram a sangue e fogo a pré-América, o continente que ocupavam as civilizações indígenas de Náhuatl, aztecas, maias, quiches, chipchas, quechuas e aymaras, os mesmos que constituíram diversas confederações sob o controle de um governo baseado em conselhos, uma organização social baseada nos ayllus e calpullis (organizações coletivistas e comunitárias indígenas), com uma mesma concepção do mundo, a mesma moral e sentimento religioso, e sobretudo vinculados estreita e fraternalmente por uma disciplina acima de tudo comunitária."

"Sem dúvida alguma os usurpadores que dominaram fisicamente a América Índia, para justificar o terrível genocídio e o aniquilamento cultural, caluniaram este continente indígena formado por civilizações enormes e avançadas, e disseram que sua população ou era selvagem, ou era incapaz de se autogovernar. Disseram ainda que seus governantes eram despóticos, doentes sexuais antropófagos. E ainda que nesses povoados imperava o paganismo, predominava a anarquia, etc. etc. Nenhum outro povo tem sido tão vilipendiado e desprestigiado como a grande nação Índia. E que se necessitava, além de justificar os crimes brutais e impiedosos, fazer aparecer como

execrável o sistema comunitário que unia os índios. Por isso resulta imperdoável a conduta doente do ocidente, uma vez que este mesmo ocidente privou a humanidade das relações sociais, econômicas, científicas e culturais realizadas pelos povos índios. Este crime sem nome não deve ser esquecido jamais, uma vez que o ocidente não só destruiu, prostituiu, e massacró as culturas da África, Ásia e América, como também lhes impôs outra baseada no ódio, na exploração, no fetichismo, na hierarquização de classes, na traição e na mentira. Como o ocidente esmerou em perpetrar a sevilia não tanto para explorar o ouro, a prata e as riquezas da América Índia, mas na verdade, para que o estilo comunitário de vida e de governo índios não servissem de exemplo a outros povos do mundo que acabariam se tornando sociedades baseadas no social. É justamente aqui que se encontra o miolo, o cerne de tanto ódio contra a cultura Índia de ontem e de hoje."

E acrescenta: "O Ocidente saiu então ao mundo para impor seu estilo de vida e desde então condenou à desgraça a espécie humana. Sua ciência, sua tecnologia contaminaram todas as águas da terra e envenenaram o oxigênio, tão vital para a flora e fauna terrestre e para o próprio ser humano. Se o Ocidente e sua cultura continuarem imperando no mundo e explorando povos fará com que desapareçam as plantas, as aves os peixes e a própria vida humana. A neuróse e a alienação assumirão seu papel e se comerão vivos uns aos outros como já acontece na atual escala mundial; a morte total presidirá o destino da terra e não poderemos cumprir com nossa missão superior que é levar a humanidade ao reino da abundância, da justiça e da alegria criadoras. E sumamente importante, de importância prioritária portanto a liquidação total de tudo o que o Ocidente significa como perigo iminente contra a vida. Por isso torna-se necessário o conhecimento do que fora o Tahuantinsuyo (a denominação do grande império incaico) em sua ciência e tecnologia baseadas nas leis naturais do universo. Esta é a razão de nosso posicionamento atual que colocamos em discussão aos delegados dos movimentos índios da América Latina."

E segue o documento: "Nós do movimento índio peruano deixamos para trás a luta em defesa de nosso folclore, as denúncias sobre perseguições, usurpações de terras, violações humanas, perda dos direitos políticos e até a discriminação que se faz dos nossos idiomas, porque achamos que é hora de implantar a luta no terreno ideológico-político opondo ao Ocidente um conjunto coerente de princípios filosóficos que demonstram a imoralidade de suas idéias e valores, o anticientificismo de sua produção e reprodução e a fragilidade de seu sentimento religioso. Também com isso pretendemos demonstrar que suas leis e sua ética têm uma base fortemente subjetivista, contrária à vida e às leis naturais do universo. Por isso é que dizemos que nossa luta é uma guerra total contra o mundo ocidental; uma vez que seu pensamento e sua concepção da história da humanidade é errada, inconsistente, interesseira, e discriminadora. Frente ao quadro geral que o Ocidente apresenta ao mundo para justificar seu comportamento social e econômico nós, os índios latino-americanos, nos apressamos para apresentar um outro estilo moral de vida e um outro comportamento social e econômico de criação e produção. Nós não participamos do jogo das reclamações chorosas, pedintes e mendicantes de exigir que nos devolvam nossas terras usurpadas pelo invasor estrangeiro para em seguida viver a seu lado e absorver suas leis e princípios. Isso não. Nós, os índios latino-americanos, nós que somos quase 83 milhões de pessoas não podemos aceitar a moral, a religião, a filosofia e a ciência ocidentais porque elas não são justas nem éticas nem científicas. Nós demonstramos que o pensamento de nossos antepassados do grande império incaico é justo, moral, científico e universal. Isto é insuperável."

A outra corrente do congresso que defende a idéia de que os povos indígenas devam participar dos organismos internacionais atualmente existentes e criados pelo mundo ocidental como um ponto de partida e basicamente liderada pelo professor norueguês Helge Kleivan, de fama mundial e que conta com a preferência do atual presidente do Conselho Mundial dos Povos Indígenas, George Manuel, de Nilo Cayuquero (representante do Conselho na América do Sul) e de Brigitte Monaresch, antropóloga suíça.